

Eduardo Pires de Oliveira
Juan Lopez Bedoya

PEDREIROS GALEGOS NO MINHO

NO SÉCULO XVIII

ROTEIRO



Eduardo Pires de Oliveira
Juan Lopez Bedoya

**PEDREIROS
GALEGOS
NO MINHO
NO SÉCULO XVIII**

ROTEIRO

Título

Pedreiros Galegos no Minho no Século XVIII. Roteiro

Autores

Eduardo Pires de Oliveira ©

epoeduardo@gmail.com

Juan Lopez Bedoya ©

juankar74@gmail.com

Edição Digital

EMEXESPO (PID 2021-123476NB-100)

Cátedra UNESCO 226 sobre Migracións (USC)

2025

Capa e arranjo gráfico

Helena Martins

info@helenamartinsdesign.com

ISBN

978-84-09-71653-1

PEDREIROS GALEGOS NO MINHO.

ROTEIRO

Eduardo Pires de Oliveira¹
Juan Lopez Bedoya²

A Norte a Galiza, a Sul o Minho.

A Galiza é ali. No Noroeste, no Noroeste da Península Ibérica, no mesmo território, no território que tem a mesma orografia, rios comuns, o mesmo clima, o mesmo gosto pelo pão de milho e pela sardinha e, tão ou mais importante, a mesma rocha, o granito, que umas vezes é cinzento, outras tem cor azul; umas tem grão fino, outras um grão tão grande que foi chamado de dente de cavalo.

E há outro denominador a unir, muito forte: ambos são territórios onde emigração foi parte integrante do quotidiano, da História.

A História é comum. Braga foi capital quando todo este território era dominado pelos romanos. Por sua vez, Santiago tem a igreja onde todos os minhotos se habituaram a ir, desde há muitas centenas de anos. O rio, que dá nome à parte Sul do território, o Minho, não separa, as águas vêm desde Lugo e têm fim entre A Gardã e Caminha: são muitas as pontes que ao longo do seu percurso unem os dois povos, ambas as margens.

Na Idade Média, as igrejas eram românicas, os tímpanos repetiam-se, os motivos decorativos eram similares. E os poetas, os trovadores, reis ou artesãos, utilizando uma língua comum, iam fazendo de um e outro lado do rio uma mesma poesia que se tornou imortal.

No século XVI, os pintores, os arquitectos e os mestres ourives saíram do Minho para Orense, Tui, Pontevedra, Santiago.

1 ARTIS/Instituto de História de Arte/Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa.
epoeduardo@gmail.com

2 Grupo de Estudios Medioambientales Aplicados al Patrimonio Natural y Cultural (GEMAP-GI1243-Universidade de Santiago de Compostela).
juankar74@gmail.com

No século maior do Barroco, o XVIII, os minhotos saíram à procura de riqueza no eldorado de Minas Gerais (Brasil). Mas de imediato o lugar dos que partiam ia sendo ocupado por gentes que desciam desde Santiago ou, sobretudo, de Pontevedra, da cidade da peregrinação ou de onde havia muitas, imensas pedreiras, e vieram ocupar os lugares dos que tinham ido para além Atlântico³.

Foram sobretudo dois tipos de artífices que procuraram o Minho, os pedreiros e os organeiros. Fizeram valer as suas aptidões. Ambos estiveram no topo dos topos.

Nos pedreiros, a sua arte não foi a de conceber ou *riscar projectos*, deixaram isso para os criadores minhotos. Foi, sim, a de executar. A de superiormente executar⁴.

Alguns, como Paulo Vidal, os irmãos Farto – Cristóvão António, Amaro José e Cristóvão José –, ou Vicente José Carvalho trabalharam em obras hoje consideradas maiores, nas principais cidades, em Braga e Guimarães, ou nos principais santuários, Bom Jesus do Monte e Santa Maria Madalena da Falperra.

Outros, muitos outros, de que a história não guardou o nome, umas vezes estavam a seu lado, nas mil e uma tarefas que sempre envolvem a criação de uma obra de arte. E noutras abalançaram-se a trabalhar sozinhos em edifícios de menor dimensão. Estes homens estão sobretudo referenciados a partir dos inícios da década de 1730, data em que vieram tomar o lugar dos muitos minhotos que tinham partido para Minas Gerais.

Mas estes galegos não estiveram aqui sozinhos a trabalhar, uns tantos houve que labutaram lado a lado com os minhotos que não partiram, que não cruzaram o Atlântico. Alguns, raros, chegaram mesmo a partilhar obras em sociedade.

Estes mestres pedreiros não tiveram medo de enfrentar os seus colegas minhotos, de concorrer com eles, ou contra eles, nas muitas casas, igrejas, capelas ou pontes que se iam fazendo por todo o Minho.

Curiosamente, não têm sido registados na cidade maior, no Porto. Mas também se deve dizer que a centena e meia de mestres pedreiros, ou simplesmente pedreiros galegos, que estão inventariados no Minho são, sem qualquer margem de dúvida, uma

3 OLIVEIRA, Eduardo Pires – *Minho / Galiza. 2000 anos de mãos dadas*. In: *Galegos no Minho. 20 anos do Centro de Estudos Galegos na Universidade do Minho*. Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, 2017, p. 93-115.

4 OLIVEIRA, Eduardo Pires – *Pedra a pedra: pedreiros galegos na arquitetura minhota do século XVIII*. “Bracara Augusta”, Braga, 60 (131), 2015, p. 155-267, sep. CARDONA, Paula – *A comunidade de artistas galegos no Alto Minho nos séculos XVIII e XIX. Legado Artístico. ECM – Cultura, Espaço e Memória*. Porto, 6, 2015.

Como todas as obras que iremos citar ao longo do presente texto estão referenciadas nestes dois trabalhos, não usaremos notas de rodapé para não cansar o leitor.

gota no oceano dos muitos que para aqui vieram trabalhar, dos que trouxeram para o Minho o seu suor e o seu sangue. E, em muitos casos, a sua arte de pedreiros exímios.

Paulo Vidal é, na pedraria, inquestionavelmente o nome maior. Mais ainda, pode dizer-se que foi um dos nomes mais importantes da arte da construção em Braga e no Minho no século XVIII. Não há notícia de outro pedreiro ter sido escolhido como mestre desta arte por um arcebispo. E Paulo Vidal foi o escolhido por de D. Gaspar de Bragança, um prelado que fora irmão de um rei (D. José), filho de outro rei (D. João V) e sobrinho de um arcebispo (D. José de Bragança)⁵.

Sabendo que a igreja do maior santuário da arquidiocese, a do Bom Jesus do Monte, estava a ameaçar ruína, D. Gaspar de Bragança reuniu um conjunto de especialistas para ir com ele, para tomar conhecimento *in loco* do que estava a acontecer e para escolher o *melhor sítio e terreno* para se construir um novo templo. Desde logo chamou para a sua comitiva o seu protegido, o engenheiro Carlos Amarante, o homem que, mais tarde, iria introduzir no Norte de Portugal o Neoclassicismo e que viria a projectar no Bom Jesus não só a nova igreja como, também, uma série de outras obras complementares. A seu lado, como técnico especialista na arte da construção, estava Paulo Vidal. Carlos Amarante e Paulo Vidal foram os dois nomes maiores que acompanharam o arcebispo!

Mas Paulo Vidal não se ficou por aqui. Onnipresente em Braga, esteve também ao lado de outros conceituados mestres pedreiros da cidade, foi consultor de outras obras como, por exemplo, a da bela torre da igreja de S. Vicente (1762, com Francisco Pedro, mestre de pedraria das obras do convento do Póculo), da nova capela-mor da Capela de Santa Maria Madalena da Falperra; e das alterações que era necessário fazer na da igreja de Santa Cruz (1763 numa primeira vez e 1768 em outra, ao lado do conceituadíssimo Diogo Soares, o pedreiro que acompanhou André Soares em várias obras). E foi ainda ele quem – juntamente com o mestre pedreiro Ambrósio Santos – fez a vistoria final da grande obra do Arco da Porta Nova (1773).

Como construtor, esteve presente em múltiplos trabalhos, sendo o mais importante a nova fachada da igreja dos Congregados, desenhada por André Soares, com o que se findavam as obras desta igreja (1761-1766), uma peça de arquitectura sem par na arquitectura bracarense. E foi parte importante na renovação quase integral da igreja de Nossa Senhora-a-Branca (1769), tendo a seu lado Domingos Fernandes.

5 OLIVEIRA, Eduardo Pires – *Paulo Vidal, um pedreiro galego que alcançou a excelência no Minho, na segunda metade do século XVIII*. In: FERNANDEZ CORTIZO, Camilo; GONZÁLEZ LOPO, Domingo L., SOBRADO CORREA, Hortensio – *Gañar a vida cruzando a Raia. Emigración Gallega a Portugal (siglos XVI-XIX)*. Santiago de Compostela, Alvarellos Editora, 2020, p. 155-195.

Naturalmente, a sua actividade não se restringiu, apenas, às igrejas acima. Como a concorrência era muita, ele não teve qualquer problema em abalançar-se a trabalhos de muito menor dimensão como foram, por exemplo, as dos poços de captação de águas para a cidade e seu encanamento.

Facto invulgar entre os mestres pedreiros galegos que andaram pelo Minho, também arriscou em conceber riscos para obras. Esta é, porém, uma área em que ainda há muito trabalho de investigação a fazer. Conhecem-se apenas dois projectos seus, o da residência paroquial de S. Tomé de Vade, Ponte da Barca (1775), e mais outro, o das obras capituladas na igreja de Sezures, Vila Nova de Famalicão (1780), duas edificações mandadas fazer pelos visitantes. É muito possível, porém, que se tenha abalançado na concepção de vários outros projectos similares, dada a sua grande proximidade com os serviços da Mitra Arcebispal bracarense.

Em Guimarães, há outro homem que se destacou, Vicente José Carvalho, que viveu na periferia da cidade, na freguesia de Fermentões, no lugar de Calçada. Natural de San Pedro de Marcón, Pontevedra, casou em 20 de Maio de 1753 com uma mulher daquela freguesia vimaranense, Mariana Teresa de Almeida.

Em 20 de Outubro de 1759 teve uma atitude única entre os mestres pedreiros galegos que estavam no Minho: estabeleceu uma sociedade com outros mestres da área de Pontevedra, Sebastião Vila Verde e Pedro António Lourenço, também naturais de Marcón. Essa sociedade tinha validade por cinco anos: todas as empreitadas que tomassem teriam de ser consideradas trabalhos comuns.

As mais belas obras do período rococó, de Guimarães, saíram das suas mãos; à frente de todas está a belíssima Casa Lobo Machado. Não se sabe quem concebeu o projecto, mas é conhecido o contrato desta obra, ajustado em 28 de Fevereiro de 1754, que Vicente levantou de sociedade com Amaro José Farto, um galego que trabalhou sobretudo em Guimarães, quase sempre em obras de grande dimensão e qualidade.

Nove anos mais tarde construiu a fachada da igreja do convento de Santo António dos Capuchos. Curiosamente, o novo dormitório do convento foi entregue a outro mestre galego, Bernardo José da Silva.

Outra das suas obras maiores é a igreja dos Santos Passos, projectada em 1769 por André Soares, e com a parte técnica, grosso modo os cálculos de engenharia, calculada pelo bracarense Diogo Soares. Vicente José Carvalho tomou, em 31 de Maio de 1772, a continuação das obras da igreja, a finalização dos trabalhos da fachada e a construção da nave. Foi ainda ele, em 7 de Outubro de 1790, que assinou o contrato de conclusão desta igreja.

Guimarães ficou rendida à sua arte, mas ainda não lhe agradeceu devidamente, ainda não colocou o seu nome na toponímia da cidade, ao contrário de Braga, onde já existe a praça Paulo Vidal.

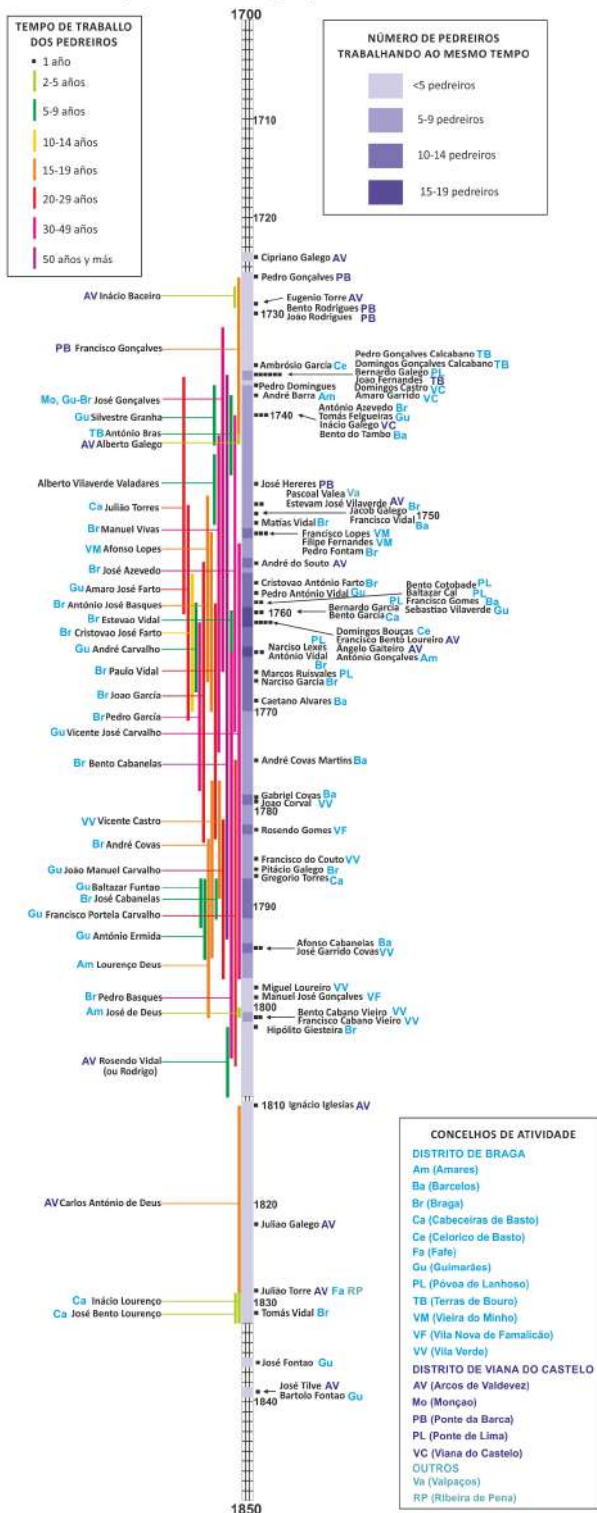
Mas os pedreiros galegos não ficaram circunscritos a estas duas cidades. Percorrendo o inventário conhecido das suas obras⁶, logo se vê que eles estiveram um pouco por todo o lado, tanto em sedes de concelho como em freguesias, no litoral ou no interior.

Maioritariamente trabalharam em igrejas e habitações, mas também construíram pontes, hospitais, ou outros, variados, edifícios.

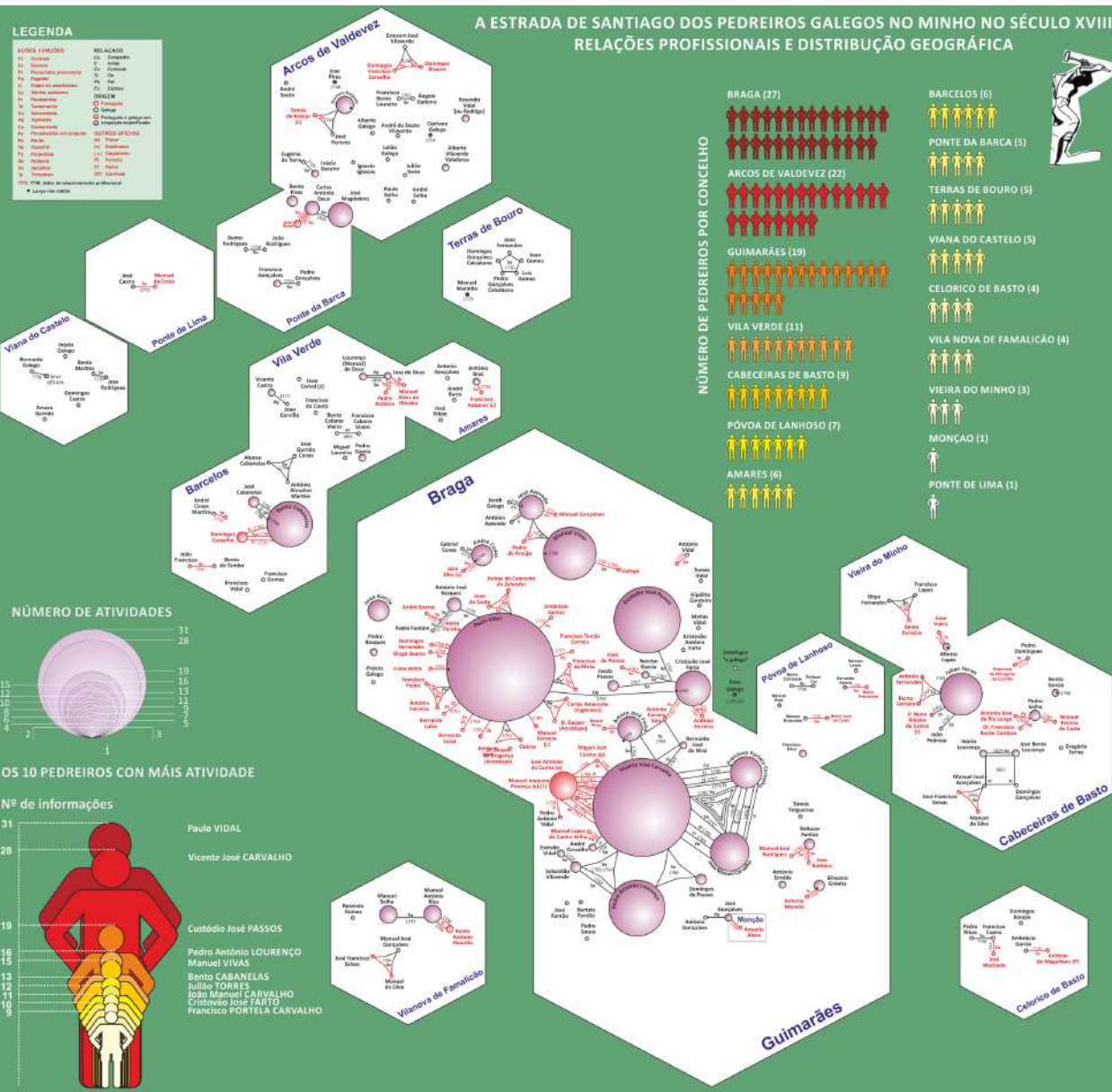
Como atrás dissemos, acorreram, sobretudo, a partir da primeira metade da década de 1730. Mas continuaram sempre a vir, pois no primeiro terço do século XIX não deixaram de aparecer nomes de pedreiros galegos na documentação que compulsamos. Um dia que se tente fazer a genealogia destes homens em terras minhotas, logo veremos que eles foram casando e morrendo por cá; e que aqui foram deixando os seus descendentes.

6 Veja-se a nota 3.

Linha do tempo dos canteiros galegos no Minho entre 1700 e 1850



Linha do tempo dos canteiros galegos no Minho entre 1700 e 1850



A estrada de Santiago dos pedreiros galegos na arquitetura minhota do século XVIII

PERCURSO / VISITA

O percurso que apresentamos não é exaustivo em relação às obras do Minho onde trabalharam pedreiros galegos. Como é natural, há uma série de edifícios que ou já desapareceram ou foram de tal maneira intervencionados em datas posteriores que hoje é muito difícil perceber se conservam, ou não, as partes que foram construídas pelos mestres pedreiros galegos.

Embora consideremos que não há obras maiores nem menores, pois todas fazem parte de um todo e só o conhecimento desse todo é que nos permite ter uma visão completa, complexa e harmónica, não será possível referir a sua totalidade porque em muitos edifícios também nem sempre é fácil – ou é mesmo impossível – saber qual foi a intervenção de cada um dos participantes. Por exemplo: nós sabemos que Paulo Vidal participou no trabalho de captação de água para o abastecimento à cidade de Braga, abriu poços e construiu condutas; mas não sabemos nem em que local exacto das Sete Fontes o fez, que poços é que escavou e qual foi a conduta ou condutas em que interveio.

As obras que apresentamos são, assim, aquelas que achamos serem as mais representativas, o que não quer dizer que sejam forçosamente as mais belas. Tanto referiremos igrejas espectaculares – como a dos Congregados, em Braga –, como outras muito simples, caso da antiga igreja matriz de Balazar, Guimarães, uma pequenina igreja, muito baixa e com uma torre bastante atarracada.

Todas estas peças são, acima de tudo, exemplos do que foi o trabalho construtivo daqueles homens, daqueles pedreiros, e da arquitectura que se ia fazendo no Minho. De uma arquitectura que na sua esmagadora maioria foi concebida por criadores anónimos, embora acreditemos bem que muitas destes trabalhos saíram da mão dos mestres pedreiros que as construíam porque – e aí não pode haver dúvidas –, eles tinham uma preparação e um conhecimento muito superior ao dos fregueses. Fregueses que, na maior parte das vezes, tinham horizontes artísticos muito limitados e, também, orçamentos muito curtos, para construir as obras que tanto ansiavam, a nova igreja ou a nova capela.

Deter-nos-emos sobretudo em dois concelhos, Braga e Guimarães, porque foi neles que houve uma mais forte intervenção de pedreiros galegos. Mas também percorreremos o Minho, vilas e aldeias, pois estes homens acorreram a todos os lados à procura de trabalho.

Como é natural, apenas faremos uma descrição maior daqueles que do ponto de vista artístico, ou das artes da construção, nos pareçam dever merecer uma referência maior.

BAIXO MINHO



Algumas obras importantes dos pedreiros galegos no Baixo Minho entre 1700 e 1850



MAPA INTERATIVO



Algumas obras importantes dos pedreiros galegos na cidade de Braga entre 1700 e 1850

Braga

Braga era a capital do arcebispado, o lugar aonde os padres ou os fregueses acorriam para tratar de assuntos burocráticos relativos às suas freguesias, vilas ou cidades e, no caso das povoações mais pequenas, era a cidade aonde acorriam para encontrar um mestre que lhes tomasse conta das obras que queriam fazer. Mas também é importante saber-se que muitos destes pedreiros eram nómadas, que andavam aqui e acolá, sempre à procura de um lugar onde houvesse necessidade dos seus braços, do seu saber, da sua arte.

Braga era, também, o local onde se decidiam muitas obras que era necessário fazer, reflexo das informações dos visitantes que incessantemente percorriam todas as freguesias e que anotavam os locais onde era obrigatório fazer-se alguma intervenção, que tanto poderia ser a construção de uma igreja nova, alterações na capela-mor, uma nave maior, uma torre sineira, uma residência paroquial, etc., etc.

Não é, portanto, de estranhar que tenha havido em Braga um local, uma rua, onde alguns destes homens se agrupavam, fosse numa só casa ou em casas contíguas. O *Regimento das Ordenanças* de Braga, de 1764, à guarda do Arquivo Municipal de Braga, permite-nos saber que numa pequena rua de Braga, mas na zona que se estava a transformar no centro da cidade, a cangosta da Palha, viviam quatro pedreiros galegos: António Vidal, casado, com 35 anos, tinha a viver com ele os filhos Bento Vidal, de 2 anos e João Vidal, de 6 meses; Cristóvão José Farto, pedreiro, casado, de 35 anos, do reino da Galiza, tinha com ele o filho António José, de 3 anos; Pedro Basques, casado, de 28 anos; e António José Basques, pedreiro, casado. Só é pena não nos serem dados os nomes das suas mulheres.

As obras em que os pedreiros galegos intervieram em Braga foram extremamente variadas: tanto participaram em trabalhos de grande monta, como igrejas – de que a nova fachada dos Congregados tem que ser considerada o trabalho mais relevante, tanto que o mestre pedreiro responsável, Paulo Vidal, foi referenciado noutras obras como o “mestre dos Congregados” –, como o calcetamento de calçadas ou o trabalho na procura e na construção das condutas das águas. Ou, ainda, no caso deste Paulo Vidal, foram chamados para dar parecer sobre outras obras que iriam ser realizadas na cidade, o que mostra a sua grande importância no contexto dos mestres pedreiros bracarenses.

Em Braga, os pedreiros galegos tiveram um importante papel em múltiplas obras do Santuário do Bom Jesus do Monte. Salientamos a construção de algumas capelas: **Senhor Ressuscitado** (1740, José Azevedo e irmão António Azevedo), **Enterro** (1750, António Azevedo); **Assento** (1750, Jacob Galego) e as da **Aparição** (1756) e **Assunção** no Terreiro dos Evangelistas (1760, Cristóvão José Farto com o colega minhoto António Ferreira).

Na cidade assinalamos obras construídas entre 1757 e 1791. As duas primeiras que referiremos mostram o grande virtuosismo que *Cristóvão José Farto* tinha. Curiosamente, ambos estes trabalhos resultam de obras que foram concebidas por André Soares. São as duas magníficas – e monumentais – **pedras de armas** (1756) que lavrou para o novo edifício da **Câmara Municipal**, curiosamente colocadas no interior, ao cimo das escadas, sobre as portas que ligam com as alas laterais do edifício, em que o trabalho da pedra é um primor; são de tal forma bem-feitas que temos que considerar que são duas esculturas. A outra obra é a do acabamento da capela de **Nossa Senhora da Torre** (1757), um edifício cheio de nervuras e molduras, todas elas com curvas e mais curvas, um trabalho requintado que só estava ao alcance de um muito, muito bom artífice.

Em Junho do ano seguinte, 1758, Cristóvão José Farto contratou a construção dos **pátios em frente à capela de Santa Maria Madalena, na Falperra**, pátios que apresentam uma forma invulgar, um V deitado de cada lado, ou seja, repetem o desenho das paredes laterais da capela, algo que foi natural na obra de quem os projectou, André Soares, um criador que sempre respeitou as pré-existências.

A partir de 1761, e durante seis anos, *Paulo Vidal* trabalhará na **igreja dos Congregados**, construindo a parte em falta, a fachada. Poderá dizer-se que é uma fachada quase nua. Mas a plasticidade impressa no desenho de André Soares foi sabiamente passada ao rijo granito pelo mestre galego. Foi tal a qualidade plástica desta obra que Paulo Vidal foi capaz de imprimir ao desenho gizado por Soares que foi chamado por duas vezes *mestre dos Congregados*. É, aliás, muito curioso que só saibamos da sua participação nesta obra de uma forma indirecta, apenas quando os documentos se referem a *Paulo Vidal, mestre dos Congregados*⁷. Deve referir-se que nestes anos Vidal tivera um outro trabalho em mãos, os degraus e o arco do altar de Nossa Senhora do Rosário, no convento de S. Domingos, em Viana do Castelo⁸, o que nos mostra que era um homem muito organizado, capaz de ter, em simultâneo, mais do que uma obra pois Braga e Viana do Castelo distam uma da outra sensivelmente 50 quilómetros.

Em 1769, encarregou-se, de sociedade com um mestre pedreiro bracarense, Domingos Fernandes, da reconstrução quase integral, mas com um novo desenho, da **igreja de Nossa Senhora-a-Branca**. Ainda naquele ano, aceitou o encargo do trabalho da mudança da **escada de acesso à porta principal da igreja da Misericórdia**, que anteriormente se prolongava até quase ao meio da rua.

7 Arquivo da Igreja de S. Vicente. Irmandade de S. Vicente. *Inventário de todos os livros que se acham nesta sacristia*, fls. 3v-4. Arquivo da Confraria de Santa Maria Madalena. *Termos da mesa, 1746-1768*, fól. 67.

8 Smith, Robert C. – A verdadeira história do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, da Igreja de S. Domingos, de Viana do Castelo, *Belas Artes*, Lisboa, 2ª série, 23, 1967, p. 22.



Braga. Câmara Municipal de Braga. *Pedras de armas*. 1756



Braga. Capela de Santa Maria Madalena, na Falperra, *Pátios*. 1758



Braga. Igreja dos Congregados. Fachada. 1761

Paulo Vidal contratou, também, a obra de construção da *fonte das Águas Férreas*, obra que realizou em 1773. Esta pequena fonte segue linhas e volumes que derivam do gosto do “estilo das placas”, um gosto oriundo de Santiago de Compostela e que foi presente em várias obras de André Soares (1720-1769). A fonte, porém, surgiu em data quatro anos além da data da sua morte. Poderá, acaso, ter sido concebida por Carlos Amarante, pelo que seria uma das suas obras iniciais. Embora situada em local público, está hoje um pouco fora do local para onde foi originalmente feita; a sua água é, agora, outra e é perfeitamente potável.

Deixamos para o final aquele que foi o momento mais importante da sua carreira, o acompanhamento que fez, no ano de 1782, ao arcebispo D. Gaspar de Bragança – e tendo também ao lado do engenheiro Carlos Amarante – na visita feita à igreja velha do santuário do Bom Jesus do Monte para analisar o estado de degradação da igreja que então ali existia e, quiçá, também para definir o seu futuro

Pedro Garcia, foi também um mestre importante porque o encontramos ao lado dos mais reputados mestres pedreiros bracarenses a dar pareceres sobre algumas das principais igrejas de Braga. Ocupar-se-ia, em 1778, da construção da **Igreja Paroquial de São Julião de Passos**, templo que tem uma bela porta, bem trabalhada, com um ornato rococó muito decorativo no fecho do arco e uma janela na fachada com um desenho invulgar, longilíneo e muito trabalhado. Por sua vez, *André Covas* encarregou-se, em 1794, da **Residência Paroquial de Ferreiros**.

Já no final do século XVIII (1791), morando em Braga na desaparecida rua dos Granginhos, *Bento Cabanelas* e o seu irmão *José Cabanelas* encarregaram-se da construção da nova **igreja de São Martinho de Dume**, uma freguesia suburbana, um templo de boas dimensões, mas de desenho muito simples, dentro do gosto corrente na época, com as paredes rebocadas. E, também, aceitaram o trabalho de construção da respectiva **Residência Paroquial**, com um portão que apresenta uma certa monumentalidade; a casa é difícil de ver-se porque está escondida atrás de um muro muito alto. Em 1793, mestre Bento encarregou-se da igreja paroquial da freguesia urbana de S. Lázaro – um templo que foi destruído nos finais do séc. XX –, que tinha um desenho em tudo similar ao que fora realizado em Dume.



Braga. Fonte das Águas Férreas. 1773



Algumas obras importantes dos pedreiros galegos na cidade de Guimarães entre 1700 e 1850

Guimarães

Guimarães surge como um caso especial. A abundância de obras, os laços familiares entre os pedreiros galegos que aportaram à cidade e a forma encontrada para se organizarem – uma sociedade formal, com a união lavrada em notário, em 1759 – permite dizer que estes homens tiveram uma importância decisiva na construção levada a cabo na cidade, principalmente na segunda metade do século XVIII.

Não se sabe, ainda, porque razão é que vieram para aqui tantos pedreiros galegos (19), que embora sejam em número inferior ao de Braga (27), intervieram, globalmente, em obras de maior volume e de maior importância no contexto urbano, embora nenhum se compare à relevância conseguida pelo “bracarense” Paulo Vidal, dada a grande proximidade que este teve com um arcebispo, D. Gaspar de Bragança.

Vicente José Carvalho é o vulto que emerge. Natural de S. Pedro de Marcón, Pontevedra, está em 1753 na freguesia de Fermentões, onde passará a viver e onde em Maio daquele ano casará com Mariana Teresa de Almeida. Foi pai de João Manuel Carvalho e cunhado de Francisco Portela Carvalho, também mestres pedreiros.

Em 20 de Outubro de 1759 reuniu-se, estranhamente num notário de Braga e não em um de Guimarães, com *Sebastião Vila Verde* e *Pedro António*

Lourenço mestres de pedraria naturais do Reino da Galiza, *assistentes na freguesia de Santa Eullalia de Formento*es termo da villa de Guimaraes para estabelecer uma sociedade que deveria ter a duração de cinco anos.

Por este documento

... estarão contratados de fazer sociedade entre si em todas as obras tem tomado até o presente e tomarem daqui por diante dentro de cinco annos primeiros seguintes até se acabarem os ditos posto que as tenha tomado qualquer deles outro cuja sociedade digo delles outorgantes cuja sociedade tem ajustado na forma seguinte que em todas as obras que tem tomado e tomarem daqui por diante todos trabalharão com todo o cuidado e deligencia e todo o ganho ou perda que ouver em qualquer das ditas obras o partirão entre todos assim o ganho como a perda se a ouver ou thomar daqui por diante conformandose uns com os outros naquilo que for mais conveniente para todos por modo que cada hum de cumprimento as escripturas que tiver feito das obras que tem tomado e tomarem daqui por diante e não poderão daqui por diante nenhum delles outorgantes tomar obra alguma sem ser a prazer de todos nem cobrar dinheiro das ditas obras sem estarem todos presentes e que no cazo que algum deles socios tome ou remate alguma obra e depois a passe a outro mestre com algum lucro sera obrigado a partir o dito lucro com elles ditos socios e ocultando o dito lucro lho pagara em dobro.

A maior obra de Vicente José Carvalho é, curiosamente, a primeira em que se sabe que interveio: o contrato notarial foi lavrado em 28 de Fevereiro de 1754. É a **Casa Lobo Machado**, em Guimarães, uma das obras maiores do rococó minhoto, sem dúvida a peça de arquitectura civil rococó mais importante do Minho, logo a seguir ao Palácio do Raio, de Braga. A grande quantidade dos ornatos que se espalham por toda a fachada – e muito particularmente sobre as janelas – e a grande finura desse trabalho, fazem com que este seja um edifício de excepção. O contrato resultou de uma sociedade com Amaro José Farto, também galego, e teve o preço de 250\$000 réis, mais a pedra de alvenaria. Não se sabe quem foi o autor do projecto, embora haja quem aponte o nome de André Soares. Em data desconhecida, esta casa foi alteada com um desenho que se pretendia que fosse conjugado com o existente; mas também não se sabe nem quem concebeu o risco, nem quem foi o mestre pedreiro que o executou.

Outra obra sua importante é a da fachada da **Igreja do convento de Santo António dos Capuchos**, que tomou de parceria com um colega minhoto, curiosamente um entalhador, António da Cunha Correia Vale, também ela com ornatos pontuais, mas muito mais simples do que tinha feito na Casa Lobo Machado. É interessante notar que no mesmo dia, 20 de Abril de 1763, outro pedreiro galego, **Bernardo José da Silva**, arrematou a obra dos dormitórios deste mesmo convento, obra de desenho simples, eminentemente pragmático.

Vicente José Carvalho encarregar-se-ia, ainda, da continuação da construção da **igreja dos Santos Passos**, uma das obras maiores de Guimarães no gosto do tardobarroco, sob risco – o último em vida – de André Soares, com empreitadas em 1771 e 1773 e, a final, a da capela-mor, em 1790. Este templo teria a escadaria e a balaustrada exteriores realizadas por **João Manuel de Carvalho**, também galego, em 1789. A **Casa do Despacho**, sacristia e corredor da igreja seriam construídas em 1792, pelo seu cunhado **Francisco Portela Carvalho**.

Outros pedreiros galegos que tiveram grande relevância na cidade de Guimarães, no século XVIII, foram **Pedro António Lourenço**, também natural de Marcón, e Francisco Portela Carvalho, já acima referido.

Do primeiro devemos relembrar que incorporou a sociedade de 1759 com Vicente José Carvalho. Entre as suas obras saliente-se o corpo da **igreja de Ronfe** (1759, de parceria com Sebastião Vila Verde) e, sobretudo, a **Casa do Despacho da Ordem Terceira de S. Francisco** (1770), com uma fachada corrida, com nove belas janelas de sacada. São do seu labor, também, a obra do arco cruzeiro e do corpo da **igreja da Misericórdia**, e os caixilhos de 87 sepulturas (1775).



Guimarães. Casa Lobos Machado. 1754



Guimarães. Igreja do convento de Santo António dos Capuchos. 1763



Guimarães. Igreja dos Santos Passos. 1771, 1773, 1790



Guimarães. Casa do Despacho da Ordem Terceira de S. Francisco. 1770

De Francisco Portela refira-se a fachada e a capela-mor da ***Igreja da Ordem Terceira de S. Domingos*** (1776 e 1806, respectivamente), cuja porta tem um excelente trabalho decorativo, ainda de gosto rococó, já bastante tardio, mas muito alterado no século XX, pela intervenção da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; e a ***Casa do Cabido da Colegiada***, com um desenho muito pragmático (1782, com o seu cunhado Vicente José Carvalho e sobrinho, José Manuel Carvalho).

Foram várias as igrejas matrizes e as residências paroquiais construídas por estes e por outros mestres galegos na área do concelho de Guimarães. Nas ***igrejas*** vejam-se a de ***Santa Leocádia de Briteiros*** (1742, Francisco Gonçalves) cuja fachada está recoberta por azulejos de fabrico industrial do século XX, a de ***Santa Maria de Souto*** (1749, Amaro José Farto), a de ***Balazar***, extremamente simples (Baltazar Funtão, 1787) e a de ***S. Cristóvão de Selho*** (1795, João Manuel Carvalho). Nas ***residências paroquiais*** assinala-se a de ***Balazar***, também de Baltazar Funtão (1787), um edifício pequeno, de um só piso, construído em frente à igreja.

Na cidade de Guimarães assinala-se, por fim, a obra de dois estabelecimentos hospitalares. São ambos já da primeira metade do século XIX: o ***Hospital da Ordem Terceira de S. Domingos***, com excelente trabalho de pedraria e um desenho que, embora seja muito tardio, ainda se revê no barroco (1836, José Fontão) e o ***Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco*** (1839, José Tilve).



Guimarães. Casa do Cabido da Colegiada. 1782

OUTROS CONCELHOS DO BAIXO MINHO

Exceptuando o trabalho de Julião Torres, que foi consistente na área do concelho de Cabeceiras de Basto e em dois outros concelhos limítrofes, Vieira do Minho e Ribeira de Pena, o conhecimento que temos do trabalho dos seus outros colegas de origem e de profissão é, em geral, muito pontual.

Não, talvez, porque tenha sido esparso, mas porque poderá não ter ficado nenhum documento a assinalar a passagem ou estadia destes homens por essas terras. Ou, ainda, porque os arquivos desses concelhos, nomeadamente os das confrarias, ainda não foram trabalhados pelos investigadores. E pode ainda colocar-se a hipótese dos livros e papéis desses arquivos terem desaparecido, no todo ou em parte.

Amares

Temos notícia de mestres pedreiros galegos em Amares desde 1738, data em que *António Brás* contratou a construção da *igreja paroquial de Paranhos*, uma igreja que tem um desenho bastante simples, mas com pedra bem aparelhada e cuidada. A documentação conhecida indica-nos que deveria ser semelhante, na dimensão, à da freguesia de Paredes Secas, excepto o campanário que, contratualmente, teria de ser igual ao de S. Paio de Sequeiros. Esta atitude de imitação de outros edifícios já existentes foi muitíssimo frequente naqueles tempos. A parte da carpintaria foi entregue a um carpinteiro morador na própria freguesia, Francisco Antunes, do lugar de Louredo.

De *António Brás* conhecemos mais outra obra, a *igreja paroquial de Caldelas*, de 1746, que deveria ter como modelo a capela de S. Roque, da freguesia de Souto, Terras de Bouro. Na fachada vê-se um nicho muito cuidado, onde está colocada uma imagem em pedra do padroeiro, S. Tiago. Não há, porém, uma boa articulação entre a porta e este nicho, sente-se que a igreja deveria ser um pouco mais alta, deveria ter mais umas três fiadas de pedras. A torre, que ladeia a igreja, foi construída em data muito mais recente, talvez já no século XIX. O trabalho do talhe da pedraria é muito cuidado.



Amares. Igreja paroquial de Caldelas. 1746

Outra *igreja*, a **Matriz de Goães**, foi construída em 1761 por *António Gonçalves*, filho de José Gonçalves, ambos galegos e moradores numa freguesia do mesmo concelho, a de Figueiredo. A fachada desta igreja ostenta uma porta com alguns cuidados decorativos e dois nichos na fachada, um pouco à maneira de um retábulo, com as imagens, em granito, de S. Tiago e de S. Sebastião. Atendendo à relativa qualidade destas imagens, fica a dúvida sobre a autoria, se foi António Gonçalves que as esculpiu, pois a escultura era outra arte, muito diferente.

Por sua vez, João Manuel Carvalho, que já vimos ser filho de Vicente José Carvalho, encarregou-se em 1783 da construção de uma nova capela-mor na **Igreja Matriz de Torre** e da **Residência Paroquial** desta freguesia. A fachada e a torre foram construídas muito mais tarde, são já do século XIX (1858 e 1896), segundo inscrições que se podem ler na pedra. Estas obras da capela-mor e da residência paroquial mostram-nos que embora João Manuel Carvalho fosse um pedreiro com bastante obra no concelho em que vivia, Guimarães, ele estava atento ao mercado e não tinha qualquer problema em procurar e aceitar o encargo de fazer obras noutros locais.

A **Residência Paroquial** estava, como é costume, próximo da igreja e frente à estrada que ali passava. Era, talvez, o maior edifício civil da freguesia. A porta de carros, com uma relativa grandeza, abria-se para um caminho secundário; tem, no dintel, uma data gravada, 1788. Um pouco mais adiante, ainda neste caminho, está outra porta cujo dintel ostenta, também, uma inscrição. Mas não se consegue ler.

A casa foi feita com muito boa pedra; mas deveria ter sido rebocada. Hoje, esta casa está praticamente abandonada, precisa de uma intervenção forte e, sobretudo, de voltar a ter algum tipo de utilização.

Barcelos

O concelho de Barcelos foi marcado sobretudo pelos irmãos Bento e José Cabanelas, naturais de Santa Marinha de Bora, Pontevedra, e pelo mestre André Covas Martins, também natural de Santiago de Bora. Ambos têm obra em outros concelhos do Minho, nomeadamente no de Braga. Os primeiros intervieram em três igrejas e o segundo em duas. Afonso Cabanelas, natural de S. Lourenço de Almofrei, foi o principal responsável por uma.

Bento Cabanelas ocupou-se longamente da construção da **igreja do pequeno convento do Bom Jesus da Franqueira**. Esta igreja foi reconstruída, mas com um desenho novo, no lugar onde estava a antiga. Embora relativamente simples, foi um trabalho difícil, estendeu-se durante pelo menos oito anos e implicou a assinatura de



Barcelos. Igreja do convento do Bom Jesus da Franqueira. 1773, 1775, 1778, 1781

quatro contratos notariais: 1773, 1775, 1778 e, por fim, 1781. A leitura destes contratos mostra-nos que os frades não sabiam exactamente o que queriam, ora pensavam numa obra, ora a queriam alterar, já depois de terem apostado a sua assinatura nos documentos. No terceiro contrato, Bento Cabanelas estabeleceu sociedade com um pedreiro minhoto, Domingos Carvalho, da freguesia de Cossourado, Barcelos.

Mas a primeira obra conhecida de Bento Cabanelas em terras de Barcelos foi a de levantar uma **torre** para a **igreja paroquial de Perelhal**, tendo lavrado um contrato notarial em 28 de Novembro de 1782. O mestre tinha a obrigação de acabar a obra até Agosto do ano seguinte. É interessante dizer-se que apresentou como seu fiador o mestre pedreiro Domingos Carvalho, com quem viria a trabalhar anos mais tarde (1778) na construção da igreja do convento do Bom Jesus da Franqueira.

A torre tem um desenho bastante cuidado. Está ornamentada com uma espécie de grade na parte superior, algo que não foi muito frequente neste tipo de construções; nos cantos estão colocadas quatro urnas cujas chamas estão bem trabalhadas. A cúpula tem uma forma de bolbo, no que poderá ser uma das primeiras do Minho, pois foram frequentes na primeira metade da centúria seguinte.

Por sua vez, o irmão, *José Cabanelas*, contratou em 18 de Julho de 1787 a construção da **igreja paroquial** da freguesia **de Remelhe**, com a respectiva torre sineira, obras de desenho bastante simples.

Mais tarde, em 1791, faria, de sociedade com o irmão Bento, a nova igreja e a residência paroquial de S. Martinho de Dume, Braga.

Há ainda um outro pedreiro com o apelido de *Cabanelas* com uma obra na área do concelho de Barcelos. É um *Afonso*, natural de S. Lourenço de Almofrei, que no ano de 1794 construiu, de sociedade com outros dois mestres galegos, *António Almofrei Martins* e *José Garrido Covas*, a **residência paroquial** da freguesia de **Roriz**, uma freguesia que estava sob a alçada do convento do Bom Jesus da Franqueira. Tinham que entregar a obra no prazo de oito meses para, depois, os carpinteiros a concluírem. Receberam pelo seu trabalho a quantia de 300\$000 réis, secos.

André Covas Martins era natural de Santa Maria de Bora, Pontevedra. Sabe-se que em Maio de 1790 estava a morar na freguesia de Pousa, Barcelos. Na área deste concelho conhecem-se duas obras saídas do seu labor. Uma é a **Igreja Matriz de Santa Eugénia, Rio Covo**, com ornatos de gosto rococó sobre a verga da porta principal. Foi contratada em 29 de Dezembro de 1775, de parceria com um ferreiro, António Francisco Pereira, de Tamel. O valor do contrato foi bastante baixo, 195\$000 réis.



Barcelos. Igreja paroquial de Martim. 1779

Quatro anos mais tarde, em 19 de Janeiro de 1779, ajustou a construção de outra *igreja paroquial*, a da freguesia de *Martim*, um templo que tem grande visibilidade porque está colocado num ponto de encontro de duas estradas, a que liga Braga a Barcelos e a que vai de Martim para S. Martinho de Tibães.

Cabeceiras de Basto

No concelho de Cabeceiras de Basto trabalharam nove pedreiros galegos, pelo menos. Mas houve um que se salientou bem acima de todos os demais: *Julião Torres*. Em geral, trabalhou sozinho; mas houve uma obra que estendeu a um colega também galego, a da ponte do Seixo, na freguesia da Faia. Sabemos que morava no lugar de Ponte da Pedra, isto é, próximo da maior ponte existente no concelho, a de Cavez, cuja construção remonta ao século XIII.

A sua obra estendeu-se pelas mais variadas áreas, mas foi sobretudo na da construção de pontes que o seu nome ficou marcado na área do concelho de Cabeceiras de Basto: saíram das suas mãos as pontes do Rugido, ponte do Seixo e ponte da Ranha. E teve ainda uma intervenção na maior ponte construída nesta zona, a de Cavez, sobre o rio Tâmega, pois foi chamado a fazer um conserto nela.

Mas mestre Julião não se ficou apenas por terras de Cabeceiras: ele alargou a sua acção a outras terras de Basto, ou limítrofes, pois iremos vê-lo a intervir em obras nas áreas dos concelhos de Fafe, Vieira do Minho e Ribeira de Pena. Trabalhos que referiremos em cada um desses concelhos.

A sua actividade em Cabeceiras está assinalada desde 1736, data em que contraiu a construção da *ponte do Rugido*, uma ponte que apresenta um ligeiro cavalete, como era então usual

Passados seis anos, em Agosto de 1744, encarregou-se de fazer várias reparações na grande *ponte de Cavez*, sobre o Tâmega, uma ponte cuja dimensão não tem qualquer paralelo com nenhuma das outras que construiu, todas muitíssimo mais pequenas.

Em 20 de Outubro de 1746 acertou fazer a *ponte do Seixo*, na freguesia da Faia. Um ano mais tarde (19 de Novembro de 1747), a ponte ainda não estava construída, tendo Julião Torres acertado uma parceria com outro pedreiro galego, João Pedrosa, para o seu acabamento. Este atraso na construção é muito estranho pois esta estrutura é muito simples, pois é, acima de tudo, um pontilhão, sem guardas; e os vãos são lajes de pedra sobre colunas de granito feitas com pedras sobrepostas.



Cabeceiras de Basto. Ponte do Rugido. 1736



Cabeceiras de Basto. Mosteiro de Refojos de Basto. 1756

No ano seguinte, a 16 de Março, deu fiança à obra de construção da **ponte de Ranha**.

Tirando a construção de pontes, em terras de Cabeceiras só se conhece mais um trabalho seu, que seria que contrataria nove anos mais tarde: a 16 de Junho de 1756 obrigou-se à **quebrança da pedra** para a obra dos alicerces da nova, grande, igreja do **mosteiro de S. Miguel de Refojos**. O facto de ter aceitado um trabalho tão simples, um trabalho que, pode dizer-se, não implicava grande conhecimento no domínio da sua arte, pode indiciar duas coisas:

- (1) Não havia muito trabalho na região, pelo que era necessário aceitar todo o que aparecesse; e
- (2) Deveria ter a trabalhar consigo um grupo, que nunca seria grande, de alguns pedreiros.

Claro que também se pode pôr a hipótese deste trabalho lhe interessar devido à sua dimensão, que não deveria ser pequena, quer porque a igreja é bastante grande, quer porque está situada nas margens de um pequenino rio, pelo que os alicerces teriam que ser bem fortes, bem consistentes.

Como seu trabalho final sabe-se que, em Novembro de 1760, contratou a construção do corpo da **igreja do Outeiro**. Hoje nada se pode ver deste trabalho porque estas paredes estão rebocadas.

Celorico de Basto

Neste concelho, também pertencente às chamadas terras de Basto, há notícia de apenas duas obras feitas por pedreiros galegos.

Em Agosto de 1749, *Francisco de Castro* e o seu colega *Pedro Ribas*, ambos oriundos (naturais?) “da freguesia de São Miguel de Carvalhede, reino da Galiza”, sub-contrataram por 65\$000 réis, ao pedreiro português João Machado, partes da **Residência Paroquial de S. Tiago de Ourilhe** que estava, então, em construção. Deveriam acabar o seu trabalho até o início de Janeiro do ano seguinte.

Situado junto à igreja paroquial é, se bem identificamos este edifício, um edifício relativamente pequeno que recebeu, em tempos, um grande acréscimo, feito com o mesmo tipo de granito e um desenho que é em tudo semelhante. Como era costume, a pedra tinha grandes dimensões; mas as paredes exteriores, que hoje têm o granito bem visível, deveriam ter sido originalmente rebocadas.



Celorico de Basto. Residência paroquial de Molares. 1780

A outra obra construída por pedreiros galegos no concelho de Celorico é, também, uma **Residência Paroquial**. É a da freguesia de **Molares** e foi contratada em 14 de Dezembro de 1780, por 286\$000 réis, pelo mestre pedreiro *João Garcia*, que em 1755 construíra a sacristia da capela de S. Miguel-o-Anjo, em Braga, hoje destruída. É um edifício feito com grandes blocos de granito, bem esquadriados e que não deveriam ser rebocados. Em data que desconhecemos foi-lhe acoplado outro, bem maior.

Fafe

Em terras de Fafe só há notícia de uma obra construída por pedreiros galegos. É a **igreja do Santuário de Nossa Senhora da Lagoa**, na freguesia de Aboim, cuja capela-mor foi levantada em 1752 por *Julião Torres*, um homem que teve grande actividade naquela região, e sobretudo na área do concelho de Cabeceiras.

Póvoa de Lanhoso

Conhecem-se quatro obras de pedreiros galegos na área da Póvoa de Lanhoso. A mais antiga é a da **igreja paroquial** da freguesia de **Esperança**, construída em 1749 por *Pedro António Lourenço*, então a viver em Guimarães, concelho em que desenvolveu bastante actividade. Recebeu por esse trabalho 280\$000 réis. É curioso dizer-se que esta igreja é a sua primeira obra conhecida em terras do Minho.

É um excelente trabalho. A igreja foi feita com granito muito bem aparelhado, com as juntas perfeitas, quase sem espaço. Pena é que o projecto tenha sido muito simples, quase sem aberturas; as que existem são muito pequenas.

Por sua vez, a **igreja matriz de Friande** foi construída a partir de 13 de Dezembro de 1759 pela sociedade formada pelos pedreiros *Bento Cotobade* e *Baltazar Cal*. O trabalho de cantaria é interessante. Pena é que as juntas entre as pedras tenham sido avivadas com cor branca. A torre, ao lado, parece ter sido feita em data posterior; é de lamentar que esteja recoberta por um azulejo que não só não a valoriza como, também, estabelece um contraste excessivo com as paredes de granito, não aparelhadas, do templo.

A medieval **igreja de Fonte Arcada** sofreu múltiplas intervenções ao longo dos tempos. Uma dessas obras foi construída por *Marcos Real*, em Agosto de 1767: é a obra do **campanário e respectiva escada de acesso**, trabalho contratado por 70\$000 réis em 31 de Agosto de 1767 e que deveria ficar concluído no final do mês de Outubro. Na data em que assinou este contrato, Marcos Real estava a trabalhar nas obras do santuário de Nossa Senhora de Porto de Ave. No século XX, esta igreja recebeu uma grande intervenção



Fafe. Santuário de Nossa Senhora da Lagoa. 1752



Póvoa de Lanhoso. Igreja paroquial da freguesia de Esperança. 1749

por parte da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, tendo em vista voltar a dar-lhe a sua aparência românica.

A última obra conhecida de pedreiros galegos em terras de Póvoa de Lanhoso é a **capela de Santo António**, na freguesia de **Sobradelo da Goma**. Foi construída, tanto de pedraria como de carpintaria, por *Francisco Silva*. Contratada em 5 de Setembro de 1789, deveria ter a parte da pedraria terminada em Março do ano seguinte, a da carpintaria em Abril e o forro até Agosto. Francisco Silva recebeu 117\$850 por este trabalho.

É um edifício de pequenas dimensões, com dois corpos sobre o comprido, podendo o que está na parte traseira servir como capela-mor e sacristia. Foi construída com granito bem aparelhado, de grão de tamanho médio. É interessante ver que, ao contrário do que era costume neste tipo de capelas, a construção não incluiu uma cobertura. A que agora tem é moderna, foi feita com cimento.

Vieira do Minho

Vieira do Minho é um concelho dominado pela serra da Cabreira, mas que se estende até às margens do rio Cávado. Encontrámos aqui duas obras em que os pedreiros galegos estiveram bem presentes.

Uma é a **Residência Paroquial** da freguesia de **Mosteiro**, de que se encarregou *Afonso Lopes*, que a tomara de trespasse em 2 de Agosto de 1748. É, pode dizer-se, um edifício excelente, de uma certa imponência. Está situado entre a estrada e a igreja paroquial. Tem um formato sobre o quadrado. Feito com pedras bem esquadriadas, de um granito local, com muito grão, tinha as janelas e portas construídas com um cuidado muito maior porque foi utilizada outra espécie de granito, de cor amarelada, com grão fino. Num dos cunhais, do lado da igreja, tem uma cartela rectangular, à maneira de uma pedra de armas, envolta por motivos trabalhados, mas sem qualquer desenho na parte central.

A outra obra é a **igreja matriz de Rossas**, cujos trabalhos correram de forma um pouco atribulada, pois houve necessidade de se fazerem dois contratos. No primeiro, lavrado em 14 de Setembro de 1752, dois pedreiros minhotos, Filipe Fernandes e Bento Ferreira, associaram-se com um colega galego, *Francisco Lopes*.

Sete anos mais tarde, em 4 de Dezembro de 1759, a igreja ainda não estava concluída pelo que foi lavrado um novo contrato, agora com *Julião Torres*, com o intuito expresso de a finalizar.

A igreja paroquial de Rossas é um templo bem sólido, amplo, feito com pedra de esquadria muito bem lavrada, como convinha a uma povoação que era, então, sede de um concelho serrano.



Vieira do Minho. Residência paroquial de Mosteiro. 1748



Vieira do Minho. Igreja matriz de Rossas. 1752

Vila Nova de Famalicão

São três as obras de pedreiros galegos neste concelho, todas saídas da lavra ou da vontade de um mesmo homem, *Manuel Solha*.

A mais antiga data de 1757. É a capela de Santo Cristo e S. Sebastião, actual **capela da Lapa** (?) um templo bem mais amplo e que teve um preço muitíssimo mais vultuoso do que o de muitas das igrejas paroquiais dos concelhos minhotos, pois foi contratada pela extraordinária quantia de 470\$000 réis. A capela está hoje transformada em Museu de Arte Sacra.

Dez anos mais tarde, em 14 de Março de 1767, Manuel Solha voltou a encarregar-se da construção de uma outra capela, também com um preço muitíssimo elevado, 460\$000 réis; é a **capela de Santo António**. Situada, nos dias de hoje, no centro da cidade, foi profundamente desvirtuada nos princípios do século XX e transferida para um local diferente daquele em que fora originalmente construída.

Em 1 de Julho de 1777, juntamente com o pedreiro Manuel António de los Rios, também galego e morador em Oliveira, Vila Nova de Famalicão, Manuel Solha obteve “provisão de Sua Majestade para fazer uma ponte no rio Ave, no sítio de Canichos, **Riba d’Ave**”. Dois anos mais tarde, em 29 de Julho, contratou, associado com outros mestres pedreiros, a construção desta **ponte**.

A **Igreja Paroquial de Sezures** é um dos raros templos de quem conhecemos a autoria do projecto. Obra capitulada, mandada fazer por intervenção do visitador e da Cúria Arcebispal bracarense, teve o risco concebido por *Paulo Vidal*, mestre pedreiro também galego, de quem se conhece outro risco, o da Residência de S. Tomé de Vade, Ponte da Barca (1775).

A construção desta igreja correu nos anos de 1780-1781 e foi entregue a um pedreiro bracarense, Manuel Ferreira.



Vila Nova de Famalicão. Igreja paroquial de Sezures. 1780-1781



Vila Nova de Famalicão. Capela da Lapa. 1757

Vila Verde

Embora seja um concelho contíguo ao de Braga, Vila Verde foi uma zona eminentemente rural até meados do século XIX. O facto da sua área estar, naqueles tempos, repartida por cinco concelhos, não ajudou, nem mesmo o facto de ser atravessada por uma estrada importante, a que ligava Braga com o Alto Minho.

As obras que iremos referir são edifícios que não sobressaem entre as demais, são trabalhos pragmáticos de alguém que não queria gastar muito dinheiro, são construções que se destinam a uma população que não era muito *conhecedora do que se fazia na cidade (Braga)*, pelo que não tinha como ser exigente.

A *igreja paroquial de São Cristóvão do Pico* é um edifício razoavelmente grande. Foi mandada fazer pela freguesia através da sua Junta do Subsino, uma estrutura administrativa equivalente às actuais Juntas de Freguesia, e foi contratada por *Francisco do Couto*, galego, em 20 de Junho de 1785. Teve um preço bastante avultado, 600\$000, réis que foram pagos em seis prestações iguais. O prazo para a entrega também foi grande, pois estendeu-se por dois anos.

A *Residência Paroquial de Roriz* data de 1794. O seu preço, 300\$000 réis, secos, tem que ser considerado elevado quando se compara com outros edifícios semelhantes. A obra teria que ser feita no prazo de oito meses pois já havia acordo com os carpinteiros que a iriam fazer a empreitada da carpintaria. A Residência foi construída por uma sociedade constituída por três pedreiros galegos, *José Garrido Covas*, *António Almofrei Martins* e *Afonso Cabanelas*.

Já no final do século, em 11 de Janeiro de 1798, *Miguel Loureiro* contratou a obra da *igreja de S. Pedro de Esqueiros*. Estranhamente, no documento que foi assinado não se descrevem as obras a fazer, apenas se diz: “cujos Apontamentos estão escriptos e assignados em coatro laudas de hua folha de papel”. Há ainda outra informação estranha: “e declararão huns e outros que esta obra vai justa por mais dez mil reis do que o Mestre era obrigado a fazer...” Os trabalhos seriam iniciados em Fevereiro e o mestre pedreiro não poderia despegar deles enquanto não acabasse. É uma igreja elegante, comprida. A cornija da fachada e o motivo decorativo sob a cornija, mas sobre a janela central, contrariam esta data pois ainda se inscrevem no gosto do tardo-barroco e do rococó.



Vila Verde. Igreja paroquial de São Cristóvão do Pico. 1785



Vila Verde. Igreja de S. Pedro de Esqueiros. 1798

ALTO MINHO



Algumas obras importantes dos pedreiros galegos no Alto Minho entre 1700 e 1850



[MAPA INTERATIVO](#)

Será normal pensar-se que, dada a maior proximidade geográfica com a Galiza, houve uma maior actividade dos pedreiros galegos no Alto Minho – um território que, grosso modo, corresponde ao distrito de Viana do Castelo – do que no Baixo Minho. Mas não foi isso o que aconteceu.

O Alto Minho é uma zona muito mais montanhosa, economicamente menos favorecida e que, no século XVIII, tinha um grande número de pedreiros, sem dúvida em número bem maior do que aqueles que seriam necessários para as obras que ali iam sendo feitas. Por essa razão, muitos desses pedreiros saíam à procura de trabalho, iam para locais que hoje poderemos considerar longínquos, como a Beira Alta ou Trás-os-Montes.

É interessante ver-se através da listagem dos pedreiros galegos que ali trabalharam que estes, como é compreensível, não tiveram obras na zona em que os pedreiros portugueses abundavam (Lanhelas/Caminha; Sopo/Vila Nova de Cerveira e Linhares/Paredes de Coura).

Ao contrário do que aconteceu sobretudo em Braga e Guimarães, não há nenhum trabalho que mereça receber uma atenção muito particular.

Paulo Vidal trabalhou em Viana do Castelo, mas teve uma actividade muito pontual, quase residual quando comparada com a que desenvolveu em Braga. A obra em que se envolveu em S. Tomé de Vade, a residência paroquial, teve origem em Braga, pois foi um trabalho capitulado, isto é, mandado fazer pelo visitador e tornado obrigatório pela Cúria Arquidiocesana. Além disso, excepcionalmente, neste caso o seu trabalho não foi o de construção, pois pela documentação conhecida vê-se que se restringiu à elaboração do projecto e ao acompanhamento da obra.

Da mesma forma, não há obras que se possam considerar significativas, seja pela dimensão, complexidade ou carácter artístico. Isto não impede, porém, que não se possa atribuir alguma importância ao seu trabalho. Na realidade, conhecem-se obras de construção de algumas igrejas e de residências paroquiais, para além de trabalhos de peritagem, o que indica sempre que o pedreiro envolvido nestes processos era tido em grande consideração.

Temos que considerar invulgar a actividade desenvolvida por Bernardo del Pino, então referenciado como arquitecto, que trabalhou numa dupla vertente de pedreiro e de entalhador, quando, em 1739, construiu o retábulo da igreja de Venade, Caminha. Dizemos invulgar porque é a única obra de arte de talha construída numa igreja da margem Sul do rio Minho por mestres galegos, ao contrário do que aconteceu na zona Norte do rio, em que não sendo muitos os retábulos feitos por entalhadores minhotos, não deixam de ser em número significativo. Acresce, neste caso, uma dupla vertente do mestre envolvido, pois embora tenha trabalhado principalmente como autor do projecto

e entalhador, também se envolveu nas obras de pedraria, de preparação do espaço para receber o retábulo⁹.

Outra obra similar, mas juntando a pedraria à marcenaria, é a que foi contratada por Francisco Gonçalves que, em 1766, associou a construção do coro à do arcaz da sacristia. Mas atendendo à grande disparidade destas duas obras, é bem possível que o arcaz não tenha sido executado por Francisco Gonçalves e que este o tenha subcontratado a um artista da área da carpintaria ou da marcenaria.

Arcos de Valdevez

A *igreja de Couto*, construída em 1747, envolveu um facto interessante entre pedreiros galegos que é possível que se tenha repetido em outros locais, mas de que não temos conhecimento. Na arrematação desta obra não apareceram dois mestres galegos unidos no objectivo de alcançarem a conquista do ramo simbólico que significaria a entrega da obra mas, sim, os dois galegos em disputa do trabalho, um contra o outro, ambos a tentarem ficar com a obra. Foram eles Dionísio Salgado e Joseph Hereres, em que um lançou 450\$000 réis e o outro 420\$000.

A arrematação viria, porém, a ser ganha por uma terceira pessoa, o mestre carpinteiro Tomás de Araújo, da Ponte da Barca. Facto muito curioso: como o arrematante da obra contratou a totalidade do trabalho e como ele não era mestre de pedraria, teve que subcontratar essa parte a alguém. E... escolheu precisamente *Dionísio Salgado* e *Joseph Hereres*, os dois mestres galegos!

A *igreja de Salvador de Padreiro* tem uma história um pouco complexa: originalmente foi contratada por dois mestres pedreiros de Balugães, Barcelos, a zona do Minho onde estes artífices eram mais abundantes. Mas Domingos Francisco Carvalho e Domingos Álvares entraram em incumprimento, pelo que em 29 de Junho de 1749 trespassaram a obra em falta – que deveria ser apenas a da nave – a *Estevam José Vilaverde*, natural de Marcón, Pontevedra, pela quantia de 143\$000 réis. Em 30 de Setembro de 1751, outro pedreiro galego, *Alberto Vilaverde Valadares*, não sabemos se familiar do anterior, contratou a obra da capela-mor por 300\$000 réis, com a obrigação de a terminar no prazo de um ano.

A *igreja de S. Paio* é a matriz da freguesia da vila dos Arcos situada na margem esquerda do rio. Iniciada ainda nos finais do século XVIII, em 1781, de linhas bem clássicas

9 MOREIRA, Manuel António Fernandes - *O Barroco no Alto Minho*. Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais, 2006, p. 381-382.



Arcos de Valdevez. Igreja paroquial de S. Paio, escadaria. 1810

e revestida por azulejos, estes talvez já dos inícios do século XX, é precedida por uma escadaria de desenho ainda barroco, embora ornamentada por urnas neoclássicas. É uma *escadaria* aparatosa que se desenvolve em lances e contra lances, cuja planta tanto pode recordar a ligação da praça do Obradoiro à catedral de Santiago como o Escadório dos Cinco Sentidos, no Santuário do Bom Jesus do Monte. O pedreiro galego *Carlos António de Deus*, que desenvolveu actividade sobretudo no concelho de Arcos de Valdevez, arrematou esta obra. Por razões que desconhecemos, em 3 de Agosto de 1810 trespassou-a a João Alves, de Gondoriz. É importante salientar que esta era uma obra de vulto – o valor da arrematação atingiu um preço elevado, 444\$000 réis – o que mostra tanto a capacidade construtiva do mestre galego, como o facto de não ter problemas em se abalançar a trabalhos que podiam atingir preços elevados.

O *adro da igreja da Misericórdia* é uma obra interessante do ponto de vista espacial, pois estabelecia ligação entre o templo e a estrada que vinha de Braga e continuava para o Alto Minho. Ao pretender ter este espaço organizado, a Santa Casa da Misericórdia mostrou que queria que o adro que defrontava a sua igreja fosse valorizado. A obra foi entregue em 26 de Maio de 1826 a *Carlos António de Deus*, que a tomou de parceria com o seu compatriota *José Magdaleno*.

Ponte da Barca

O concelho de Ponte da Barca é, juntamente com o que fica do lado Norte do rio Lima, Arcos de Valdevez, aquele em que encontramos um maior número de obras com intervenção de pedreiros galegos; são, porém, maioritariamente, obras de pequena monta, de que um exemplo interessante foi o da arrematação da obra da *renovação da calçada da ponte sobre o rio Lima*, feita em Julho de 1829 por *Carlos António de Deus*, em que o trabalho foi pago à braça.

O mais antigo registo com pedreiros galegos em Ponte da Barca é anterior à data em que estes homens começaram a vir procurar trabalho no Minho – a primeira metade década de 1730 – pois temos dois registos, um de 1726 e outro de 1730, curiosamente ambos na mesma freguesia, Britelo.

A *igreja paroquial de S. Martinho de Britelo* tem a característica de ter recebido obras em momentos diferentes, mas sequentes, tendo as obras, pelo menos em dois desses momentos, sido realizadas por pedreiros galegos. Na primeira empreitada, contratada em 22 de Dezembro de 1726, *Francisco e Pedro Gonçalves*, ambos naturais de Santa Maria de Mouvente, Pontevedra e, quiçá, irmãos, comprometeram-se a fazer



Ponte da Barca. Residência paroquial de S. Tomé de Vade. 1775

um campanário, cachorros para o coro e nichos, púlpito e pias de água benta que deveriam ter semelhanças com as mesmas partes da igreja de S. Miguel de Entre-Ambos-Rios, também no concelho de Ponte da Barca. Estas obras deveriam ficar concluídas até Agosto de 1727. De Francisco Gonçalves conhece-se outra obra, mas no concelho de Guimarães, a igreja paroquial de Santa Leocádia de Briteiros (1742)

A 21 de Março de 1730, *Bento e João Rodrigues*, ambos naturais da freguesia de S. Salvador de Lerez, Pontevedra e, possivelmente, irmãos, contrataram a obra da *capela-mor e sacristia desta igreja*. Pelo seu trabalho deveriam receber 70\$000 réis, uma casa para se abrigarem e vários géneros alimentares (45 alqueires de milho, 4 alqueires de feijão, uma pipa de vinho de 40 alqueires, para além de duas mantas e um lençol). Os trabalhos deveriam ficar concluídos no mês de Agosto (dia 10, dia de S. Lourenço).

A *Residência Paroquial de S. Tomé de Vade* foi concebida pelo mestre pedreiro galego *Paulo Vidal*. É, juntamente com a igreja de Sezures, Vila Nova de Famalicão, um dos dois edifícios de que conhecemos o autor do projecto: saíram, curiosamente, ambos da mão daquele mestre. É um edifício belo, amplo, com um desenho tradicional que não fosse pela dimensão e pelo desenho das janelas se poderia dizer que tanto poderia ter sido concebido no século XVII como no XVIII. É muito enobrecido pela imponência do portão que permite acesso ao espaço onde a casa foi construída. A residência seria construída em 1775 pelo mestre pedreiro Bernardo Alves, morador em Ponte da Barca.

A *Igreja de S. João Baptista de Vila Chã* foi construída no século XVII. Mas, por razões que desconhecemos, foi reconstruída em 1812. É esta uma situação estranha, invulgar mesmo, porque após a Segunda Invasão Francesa (1809), e até meados do século XIX, a economia minhota passou por um momento muito difícil. Pela leitura do contrato notarial e pela análise do edifício, parece ter havido uma reconstrução profunda, de tal forma que, por exemplo, a fachada da igreja foi totalmente desmontada. O valor acordado com o pedreiro *Carlos António de Deus*, natural da freguesia de S. Martinho de Bordozedo, foi de 468\$000 réis. É um valor bastante alto, o que nos permite perceber que os trabalhos foram muito extensos.

Ponte de Lima

Ponte de Lima é um concelho com muitas freguesias. E com uma ponte mítica sobre o rio Lima, de fundação romana e reconstrução medieval. Por ela passaram milhares e milhares de homens e mulheres que ou iam em direcção a Santiago ver as relíquias do santo que Diogo Gelmirez dizia ter dado à costa, em Finisterra e que ele tinha trazido para a sua catedral; ou, então, cruzavam-na na volta, quando regressavam

dessa peregrinação. Os minhotos tinham-lhe uma grande devoção, pois lembro-me de ouvir dizer, quando era miúdo: *quem não for a Santiago em vida, irá depois de morto*.

Curiosamente, não são muitos os mestres pedreiros que andaram pelo concelho. E é fácil perceber-se a razão: é que a parte Sul era terra de pedreiros. A freguesia de Poiares com mais outras duas que lhe são chegadas e já pertencem a Barcelos (Balugães e Cossourado), são, em todo o Minho, a zona onde havia maior concentração de pedreiros no século XVIII.

Do lado Norte do concelho, à margem da estrada que segue para Valença e Santiago, também havia outra zona onde se explorava muito a pedra, e agora é, talvez, o local do Minho onde está mais desenvolvida a indústria de extracção e transformação de pedra. É um granito claro, muito apreciado para se fazer um tipo de escultura bastante rústica e que tem uma aceitação muito grande.

Não havia, portanto, razões para os pedreiros galegos virem procurar trabalho nestas terras limianas. Mas nem isso impediu que pelo menos três destes homens tenham trabalhado por aqui. Homens que estavam numa procura que era contínua, tinham uma mobilidade era incessante. Não era o trabalho que vinha ter com eles, eram eles que o procuravam.

Olhando para as obras que alcançaram, essencialmente a construção de residências paroquiais, é natural pensar-se que o seu trabalho poderá ter sido conseguido na Mitra Arcebispal. Mas, conhecendo-se os documentos, fica-se a saber que as coisas não se passaram bem assim.

Dois destes edifícios são o resultado de uma incessante e persistente procura, do cuidado de deixar o nome conhecido, pois provêm de trespasses de obras contratualizadas por mestres portugueses que, por razões que desconhecemos, as não quiseram ou puderam fazer. Uma hipótese que se poderá colocar é o terem-nas contratado por um preço e trespassado por outro, inferior, o que lhes permitiriam conseguir algum ganho. Mas a verdade é que não conhecemos o contrato inicial, pelo que não podemos avançar com hipóteses.

A **Residência Paroquial da Boalhosa**, uma freguesia situada na serra limiana, bem fora da estrada que ligava Braga a Ponte de Lima, é uma bela casa, ampla, com uma escada situada num dos topos, encostada a uma parede lateral. O contrato de trespassse – que se limitava à obra de pedraria e, quiçá, a apenas uma parte dela – foi assinado em 9 de Novembro de 1772; nele, o mestre galego obrigou-se a entregar a casa até ao “princípio do mês de Janeiro, próximo, vindouro”. O pedreiro que a contratou, *José de Castro*, que então morava em local relativamente próximo, na freguesia de Rio Mau, Vila Verde, receberia “trinta mil réis, em três pagamentos”.



Ponte de Lima. Residência paroquial da Boalhosa. 1772



Ponte de Lima. Igreja paroquial de Fornelos. 1781

A obra da capela-mor da **igreja paroquial de Fornelos**, Ponte de Lima, foi contratada em 29 de Maio de 1781 por *Francisco Portela Carvalho*, um pedreiro galego que morava no lugar de Calçada, Fermentões, Guimarães. Era cunhado de Vicente José Carvalho, um importantíssimo mestre pedreiro galego que também vivia naquela freguesia vimaranense e com quem trabalhou de sociedade em várias obras, todas na cidade de Guimarães.

Hoje, esta igreja está totalmente revestida e pintada de branco. É muito pouco o que se pode ver do trabalho da pedra: a porta principal está sobrepujada por duas aletas que têm sobre elas um óculo, na parte central. Na parte do frontão tem um nicho envolto em enrolamentos que lembram a *ferronerie*, de gosto flamengo, uma decoração que se pode ver em tratados quinhentistas, mas que no Minho se prolongou imenso, pelo século XVIII adentro, como se pode ver aqui. De ponto de vista oficial é um trabalho muito correcto, de excelente talhe de pedra.

No mesmo momento, o mestre galego também contratou a obra da **Residência Paroquial** desta freguesia. O valor desta obra foi bastante elevado, sobretudo se a compararmos com a que atrás referimos, a da Boalhosa, pois atingiu 700\$000 réis.

Em 29 de Março de 1798 o pedreiro José de Sousa, de Goães, Amares, trespassou ao seu colega galego *José Pinham* a obra da **Residência Paroquial de Anais**. Ao contrário do que era habitual, esta obra não foi avaliada numa determinada quantia, pois ficou estipulado que José Pinham receberia à peça, isto é, por portas, janelas, escadas, etc. A obra teria que ficar terminada no prazo de oito meses.

Viana do Castelo

Viana do Castelo, a cidade mais importante da metade Norte do Minho, um importante porto de mar situado na foz do rio Lima, beneficiou muito dos pedreiros que foram abundantes no Alto Minho. Estes homens que correram Trás-os-Montes e as Beiras – e que também trabalharam em Braga e no Porto – procuraram, naturalmente, obras em Viana, antes de seguirem para locais mais afastados para melhorar as suas vidas. Essa, talvez, a razão porque são muito raros os edifícios construídos por mestres pedreiros galegos no concelho e cidade. Mas também é verdade que em Viana do Castelo há ainda muito trabalho a fazer: os notariais já foram trabalhados, mas falta avançar para o mundo bem mais minucioso dos livros das confrarias.

Curiosamente, sabemos que trabalhou em Viana o mais importante pedreiro galego que andou por terras do Minho no século XVIII: Paulo Vidal.

Paulo Vidal estava em Viana do Castelo em 1759. Nesse ano, a 20 de Janeiro, foi admitido, juntamente com a sua mulher, *Bernarda Luiza*, na Irmandade de Nossa Senhora de Monserrate e *deu de esmola mil seiscentos reis*. O facto de querer entrar numa Irmandade juntamente com a esposa, pode ser um indicador de que já estava na então vila há algum tempo; sabermos que pôde despende 1\$600 réis como joia de acesso, ajuda à colocação dessa hipótese. Sabe-se que que, pelo menos em 1759-1760, aceitou pequenos trabalhos na igreja da Senhora da Agonia.

Muito importante na sua vida foi o facto de ter sido ele a fazer os trabalhos preparatórios de pedraria, tendo em vista a colocação de um novo retábulo que a Arquiconfraria de Nossa Senhora do Rosário, sediada na igreja do mosteiro de S. Domingos, queria fazer. Um retábulo que os irmãos desejavam que viesse a ser o mais importante de Viana e que, na realidade, acabaria por ser o maior retábulo rococó europeu entalhado em madeira.

Como reflexo deste seu trabalho, Paulo Vidal e a sua mulher entraram gratuitamente para irmãos desta arquiconfraria, em 4 de Outubro de 1761. Nessa data, o casal morava na rua Gonçalo Afonso. No assento de entrada ficou escrito “que fizera gratuitamente todos os apontamentos e tomara as medidas das obras de pedraria para o novo retábulo”. Tinha, portanto, além de competência oficial, uma boa situação económica, pois aceitou trabalhar sem ganhar dinheiro.

Este trabalho foi chave na sua vida, pois foi aqui que, sem dúvida, conheceu André Soares. André Soares foi, muito certamente, a razão da sua vinda para Braga onde, em 1761, começou a trabalhar na construção de uma nova obra daquele grande arquitecto bracarense, a fachada da igreja dos Congregados. E saiu-se tão bem neste trabalho que logo foi chamado para dar parecer sobre outras obras que estavam a correr na cidade, na igreja de S. Vicente e na capela de Santa Maria Madalena da Falperra. A que se seguiram outras que viria a construir, umas vezes só e outras em sociedade.

Mas Paulo Vidal não esqueceu Viana. Ou será que as coisas aconteceram ao contrário e foi Viana do Castelo que não esqueceu Paulo Vidal? A verdade é que fez, pontualmente, pequenas obras na igreja da Agonia, como foi a preparação da capela-mor para receber o retábulo desenhado por André Soares (1763), no que repetiu o trabalho que já fizera na igreja de S. Domingos, também para um retábulo do mesmo criador, o que é extremamente revelador da relação que, entretanto, criara com André Soares, o grande criador do rococó e do tardobarroco bracarense.

Em 1765-1766 viria a encarregar-se da construção da *Casa do Despacho* e do encanamento da água para a sacristia da *Ordem Terceira Franciscana de Viana do Castelo*. o mundo bem mais minucioso dos livros das confrarias.



Viana do Castelo. Casa do Despacho da Ordem Terceira Franciscana. 1765-1766

BIBLIOGRAFIA

São dois os trabalhos principais para onde remetemos os leitores.

Um é de nossa autoria, intitula-se Pedra a pedra: pedreiros galegos na arquitetura minhota do século XVIII. *Bracara Augusta*, Braga, 60 (131), 2015, p. 155-267. Sep.

O outro texto é da autoria de Paula Cristina Machado CARDONA e tem o título A comunidade de artistas galegos no Alto Minho nos séculos XVIII e XIX. Legado artístico. *CEM, Cultura. Espaço e Memória*, Porto, 6, 2018.

ÍNDICE

PEDREIROS GALEGOS NO MINHO. ROTEIRO	5
PERCURSO / VISITA	13
BAIXO MINHO	15
Braga	17
Guimarães	24
OUTROS CONCELHOS DO BAIXO MINHO	33
Amares	33
Barcelos	35
Cabeceiras de Basto	39
Celorico de Basto	42
Fafe	44
Póvoa de Lanhoso	44
Vieira do Minho	47
Vila Nova de Famalicão	50
Vila Verde	50
ALTO MINHO	57
Arcos de Valdevez	59
Ponte da Barca	61
Ponte de Lima	63
Viana do Castelo	67
BIBLIOGRAFIA	71

Editores



EMEXESPO PID2021-123476NB-I00



Cátedra UNESCO 226 sobre Migracións

Colaboradores



RETOS 2020 PID2020-115496RB-I00



Colóquio I. Cruzamentos Galiza-Portugal.
Redes Migratórias e Culturais

